



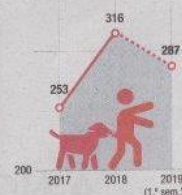
Cães abandonados assustam população e têm atacado em Vila Verde

## Aumentam os ataques de cães abandonados

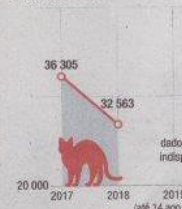
Nos primeiros seis meses deste ano, a GNR registou quase tantos incidentes com animais como em 2018 e os cães estão lotados

### Animais de rua

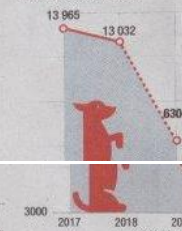
Ataques/mordeduras de cães (registos da GNR)



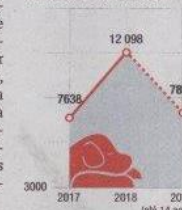
### Animais recolhidos\*



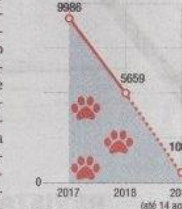
### Animais adotados\*



### Animais esterilizados\*



### Animais eutanasiados\*



Zulay Costa  
societade@jn.pt

**INSEGURANÇA** Os ataques de animais estão a aumentar. Só no primeiro semestre deste ano, a GNR registou 287 casos, quase tantos como em todo o ano passado (316) e mais do que em 2017 (253). Os centros de recolha oficial (CRO) de animais estão lotados e os municípios já não conseguem dar resposta aos pedidos para recolher os animais errantes das ruas. O problema não pára de aumentar desde que, em 2016, a lei proibiu o abate como forma de controlo da sobrepopulação animal. Os veterinários consideram impossível controlar os cães de rua sem o abate. "O número de animais que recolhemos atualmente nos CRO inviabiliza qualquer solução que não passe também pelo abate. Todos os CRO estão no presente momento com a capacidade lotada. Os municípios não estão a recolher" e os animais "acumulam-se" nas ruas, alerta Ricardo Lobo, da direção da Associação Nacional de Médicos Veterinários dos Municípios.

pios, considerando que a lei, como está, "não se adequa à realidade".

O veterinário sublinha que o abate é uma "prática cruel" e que o número que se praticava antes da lei era "um absurdo". Mas lembra que políticas como as de esterilização, sensibilização e responsabilização das pessoas precisam de "mais tempo".

#### AMEAÇA À SAÚDE PÚBLICA

O problema "não se resolve em um, dois ou três anos, vai demorar mais tempo", explica Sónia Miranda, da direção da Ordem dos Veterinários. Não se sabe quantos animais andam nas ruas, mas "é fácil calcular que o crescimento é exponencial", provocando problemas de segurança e saúde pública (não só ataques, mas proliferação de doenças, parasitas, dejetos, entre outros).

Os dados da GNR, mesmo que não indiquem o tipo de animal, evidenciam as primeiras consequências: há mais pessoas e gado a sofrer ataques (ler reportagens ao lado).

Em Matosinhos, o vereador

Correia Pinto conta que o CRO, onde estão 155 cães e 25 gatos, está na "capacidade máxima" e há "dificuldade" em responder a solicitações, priorizadas consoante a emergência. A maior preocupação são os cães assilvestrados (selvagens) que formam matilhas. "Há episódios

#### SOLUÇÕES

### Matosinhos vai ter parque para animais assilvestrados

A Câmara de Matosinhos já assinou contrato para criar um parque para animais assilvestrados, junto ao CRO, em Custóias. Quando estiver concluído, em outubro, permitirá aos cães esterilizados viverem em regime de santuário em condições próximas das naturais. É um exemplo saudado pela Associação de Rua. Maria Teixeira Pinto, presidente da associação, diz que a lei, "desafiante", obriga os municípios a darem "importância" ao tema e a procurarem soluções.

de ataques a pessoas e bens. Temos perto de uma centena de animais assilvestrados, agrupados em 10 ou 11 matilhas, que se vão reproduzindo. Se não tivermos cuidado, podemos ter uma situação incontroável", pelo que vão avançar com a construção de um parque para estes casos. Os custos vão-se somando: aos cerca de 10 mil euros que a Câmara gasta por mês com o CRO, juntam-se os terrenos e subsídios a associações.

O Ministério da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural remete para os municípios. Não foi possível obter esclarecimentos da Associação Nacional de Municípios Portugueses, mas no seu parecer de 2018, a que o JN teve acesso, referia que o atual enquadramento legal deixa os municípios "a braços com a decisão de escolher cumprir com duas imposições legais, que concorrem paralelamente mas que é impossível, no momento atual, serem cumpridas em simultâneo: a recolha de animais errantes e o não abate de animais como forma de controlo da população de animais errantes".



## O que diz a lei?

A Lei 27/2016 (coadjuvada pela Portaria 146/2017) aprovou medidas para a criação de centros de recolha oficial (CRO) de animais e estabelece a proibição de abate de animais errantes como forma de controlo da população. Os CRO são de âmbito municipal ou intermunicipal, ou seja, a responsabilidade é das câmaras.

## Há exceções que permitam o abate?

A lei proíbe o abate por motivos de controlo de sobrepopulação ou incapacidade económica, apontando a esterilização e adoção como caminhos a seguir. Permite algumas exceções de abate, ocisão ou eutanásia de animais, mas só em casos que se prendam com o seu estado de saúde ou comportamento ou quando sofram de doença incurável em

que seja a única via para eliminar o sofrimento.

## Quantos CRO

existem atualmente? De acordo com a DGAV, estão registados 83 CRO, 13 dos quais são intermunicipais. As estruturas abrangem 167 municípios. O Ministério da Administração Interna avançou que, no âmbito do programa de incentivos para construção e modernização de CRO, em 2018 apoiou 17 candidaturas de municípios, associações ou agrupamentos, no valor de 975 mil euros. Este ano foram selecionados 20 projetos, no valor de 1,13 milhões. A Ordem dos Veterinários considera que não são suficientes.

**MACEDO DE CAVALEIROS** A população de Salselas, aldeia do concelho de Macedo de Cavaleiros, anda assustada por causa de três cães vadios que erram pela localidade há alguns meses e que, nos últimos dois, têm atacado rebanhos de gado e até se viram aos pastores que os defrontam. Isabel Pinto, proprietária de um rebanho de ovelhas, é dos habitantes que mais se preocupam, pois os seus animais foram atacados pela matilha há um mês, no dia 20 de julho, e desde então vive em sobressalto porque teme deixar o gado sozinho no pasto.

"As minhas ovelhas estavam no curral naquela manhã. Eu andava por lá, mas vim a casa tomar o pequeno-almoço. Quando regresssei, entrei no curral e encontrei uma ovelha morta logo à entrada. O saldo foram três ovelhas mortas, duas feridas e uma desaparecida", relatou a pastora, que no passado domingo voltou a encontrar os cães a rondar-lhe o gado.

"Desta vez, cheguei a tempo. Só quero ver o dia que me mordem a mim, pois já morderam um senhor num dedo de uma mão", contou. Isabel foi obrigada a chamar o veterinário e gastou 50 euros para

# Vivem em sobressalto com ameaças a rebanhos

**Temor** População revoltada com matilha que ataca gado aponta o dedo à lei. Autarca pede medidas urgentes



Isabel Pinto deixou de pôr as ovelhas a pastar: três foram mortas e duas mordidas

os tratar. "Agora, fico com o prejuízo dos animais e dos tratamentos", acrescentou.

Ninguém sabe de quem são os cães errantes, nem se têm chip de identificação.

Em Salselas, multiplicam-se os relatos de ataques a gado.

"Eu encontrei-os a morder o gado ali de uma quinta e fiz tudo para os impedir de

ferir os animais, mas eles viraram-se a mim e tentaram morder-me. São perigosos. Como é que os agricultores podem aguentar? Não pode continuar. Nessa quinta de

que falo já mataram seis ovelhas e três cordeiros", afirmou José Ribeiro, que confessou ter medo de ser atacado.

"Quem assume os prejuízos?". É o que quer saber o agricultor que critica a nova lei que impede o abate de animais nos canis, contribuindo para a sobrelocação, em sua opinião.

A primeira vítima destes cães foi António Pinto, que encontrou uma ovelha morta e três feridas dentro do curral. Inconformado, o agricultor diz que é tempo de o município e as entidades sanitárias se juntarem para capturar os cães vadios. "Estão sempre a tentar atacar o gado", diz, bastante revoltado.

Os cães rondam pela aldeia, aproximam-se de casas e de currais onde estejam animais. O presidente da Junta de Freguesia Salselas, João Pinto, pede medidas urgentes, uma vez que já tentaram capturar os cães errantes, com a ajuda do veterinário municipal, mas não foi possível.

"Eles fogem e nós não os podemos matar", garante o autarca, que lamenta que o Canil Intermunicipal da Terra Quente esteja sobrelotado para receber mais animais. ● GLÓRIA LOPES

# "Quando se aproxima um cão, fico numa aflição"

**Ludovina Carvalho** Mordida a caminho do trabalho, fez queixa à Câmara, que está a ponderar usar dardos tranquilizantes



Municipal". "Recebi uma resposta há pouco tempo a dizer que o assunto é difícil de resolver, porque as pessoas retiram as armadilhas. Estão à espera de ter dinheiro para comprar um projetor de dardos tranquilizantes", adianta Ludovina, confessando que já houve moradores a ponderar organizar uma manifestação à porta da Câmara.



Ludovina garante que há quem ande na rua com paus, com medo de ser atacado pelas matilhas

Em 2016, o município também enfrentou uma chuva de críticas, por causa de animais errantes que morderam uma criança de 11 anos e uma mulher com 72 anos, perto da Escola Secundária de Vila Verde. Na altura, acabaram por conseguir capturar os cães através de armadilhas.

O problema voltou, agora, a ganhar novas proporções, com o surgimento de novos ataques a pessoas. "Há senhoras que andam todos os dias com paus, para terem coragem de passar nas ruas onde os cães estão", assegurou Ludovina. Na vila, também há relatos de moradores que já chamaram a GNR para conseguirem entrar em casa, depois de serem surpreendidos com os cães à porta. "Já vi matilhas com quase 20 cães por aí espalhados", relatou Maria Pimenta, aquando de uma visita do JN aos locais problemáticos. ● SANDRA FREITAS